

Banco Central prevê uma "discussão dura, mas realista, com o FMI"

por Milton Wells
de Porto Alegre

O presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, previu ontem, em Porto Alegre, "uma discussão dura, mas realista, com o Fundo Monetário Internacional (FMI)". Afirmou que o Brasil somente assinará o acordo se tiver condições de cumprí-lo, o que fica limitado pela sua capacidade de pagamento. "Não podemos nos comprometer a pagar tudo o que devemos", disse ele. "Isso afetaria o programa de combate à inflação, o que seria agravado com a recessão".

Eris ressaltou que as negociações com o FMI e com o Banco Mundial "serão cruciais". Mas observou que se for obtido um acordo rápido, ficarão mais fáceis as negociações com o Clube de Paris e com os bancos estrangeiros.

Para uma platéia de cerca de 700 empresários, reunidos na sede da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs), Eris disse que a desindexação da economia vem sendo gradualmente conquistada pelo governo. Afirmou que a equipe econômica está convicta de que o veto do presidente Fernando Collor de Mello ao projeto de política salarial aprovada pelo Congresso não será derrubado. E sustentou que o caminho é a livre negociação salarial. "Temos de aprender a negociar com base na inflação futura, e não na passada. Somente assim se poderá obter salários reais", disse ele.

Em sua opinião, a desindexação da economia já foi alcançada em grande parte, com o próprio governo não dispondo de uma taxa de inflação. O 'overnight' hoje, conforme afirmou, é, no momento, "um tênue indicativo da inflação, correspondendo mais às reservas bancárias". Essa questão poderia evoluir no país se os empresários providenciarem a desindexação dos lucros, o que viria a contribuir para maximizá-los, na medida em que obteriam uma parcela maior de mercado, acrescentou.

TRIBUTOS

Conforme Eris, a indexação dos tributos ao BTNF será examinada pelo governo, que poderá passar a adotar o cruzeiro na cobrança de imposto. "Esta é a linha correta a seguir, o que será alcançado quando conseguirmos desindexar completamente a economia. Por enquanto esta indexação ao BTNF deve continuar, mas poderemos extingui-la a qualquer hora", disse ele.

Sobre a taxa cambial, o



Ibrahim Eris

presidente do BC disse que a instituição não possui mais a atribuição de fixá-la, tratando apenas das reservas cambiais, cujas metas devem ser alcançadas até o final do ano. "A taxa de câmbio tende a subir nos próximos 50 dias em decorrência da liberalização das importações. Mas ela será aquilo que o mercado determinar. O BC, de fato, teve uma atuação ativa na questão cambial nos meses de março e abril, mas agora sua participação é quase marginal".

Eris confirmou que o superávit de caixa neste ano deverá alcançar 1,2% do Produto Interno Bruto (PIB). Afirmou que isto está sendo obtido sem truques, o que deverá repetir-se em 1991. "O superávit é hoje uma realidade, podendo até ser maior, porque, além das medidas fiscais, há ganhos com a reforma administrativa, o que será acrescido com o resultado das privatizações e da reforma patrimonial", sustentou.

Para 1991, ele disse que não haverá necessidade de uma nova política fiscal porque o governo deverá contar com o impacto de medidas que foram deflagradas neste ano, mas cujo efeito somente ocorrerá no ano seguinte. "Apesar de não podermos contar com as receitas do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF), em 91 poderemos ter os resultados que serão obtidos com a extinção dos incentivos fiscais e a exportação, tributação sobre pessoas jurídicas agrícolas, e com a reforma administrativa. Isso vai garantir novo superávit".

Quanto à inflação, o presidente do BC previu uma queda para este mês, mostrando-se convicto de que ela se estabilizará até cair a índices de 3%. "Estamos mantendo o controle da base monetária, que não deve exceder 9,1% no segundo semestre", explicou. "Com a liberalização das importações poderemos, em longo prazo, ter os índices inflacionários estabilizados."